

EUGENIO COSERIU ROMANISTA E HUMANISTA

Rosalvo do Valle
UFF/ABF

Eugenio Coseriu, o luminoso lingüista homenageado com as honras que bem merece neste número de *Confluência*, deixou também seu nome definitivamente reconhecido como um dos melhores romanistas e um dos mais lúcidos humanistas contemporâneos. Bastaria citar *Estudios de Lingüística Románica* (ELR), *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje – Estudios de Historia de la Lingüística* (TNCL) e *El hombre y su lenguaje – Estudios de Teoría y Metodología lingüística* (HSL), obras publicadas na coleção Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos, Madrid, 1977. Das duas últimas há tradução brasileira, que utilizaremos nesta notícia: *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem* (TNCL), coedição Presença/Editora da USP, Rio de Janeiro, 1980; e *O homem e sua linguagem* (HSL), 2ª edição, Presença, Rio de Janeiro, 1987 – ambas feitas por Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

Trata-se de estudos escritos entre 1953 e 1975, dispersos em revistas e miscelâneas internacionais de difícil acesso. O autor em boa hora reuniu trinta e sete desses dispersos e traduziu alguns para o espanhol, possibilitando ao leitor consultá-los mais facilmente nos três volumes que organizou em Tübingen. Na apresentação justifica as razões da iniciativa e os critérios de seleção, frisando sempre que basicamente são reproduções, “sem modificações essenciais”. Feitas algumas revisões de detalhes, o autor, em 1977, não teve constrangimentos em subscrever textos escritos e publicados a partir de 1952. Como bem disse Juan M. Lope Blanch (em 1983), ao apresentar a edição mexicana de *Introducción a la lingüística* (1951), “Lo que há sido bien concebido y bien hecho mantiene su lozanía a través de los años”.

Quem acompanha, desde os anos cinquenta, a intensa produção científica de Eugênio Coseriu sensibiliza-se com a dedicatória de ELR: “Dedico este libro a un país: a la República Oriental del Uruguay”. É que ele viveu muitos anos nesse país e foi professor da Universidad de la República, vinculado à Facultad de Humanidades y Ciencias – Instituto de Filología. Lá fundou, em 1951, o Departamento de Lingüística de Montevideo e o dirigiu até 1963, quando se transferiu para a Alemanha. Mas a acolhida desse pequeno grande país e o convívio universitário, onde exerceu profícua atividade cultural e onde fez

discípulos, permaneceram em suas lembranças e transparecem nesta dedicatória de *Gramática, Semántica, Universales* escrita em Tübingen, em 1978: “A mis alumnos de Montevideo y de Tübingen”.

Alunos duplamente afortunados, esses de Montevideu. Receberam em 1951 a segura orientação coseriana em lingüística geral com a *Introducción a la lingüística* – ainda “en edición mimeográfica muy limitada, como primera parte de um manual destinado a los estudiantes de lingüística del Instituto de Profesores “Artigas”, de Montevideo” – como informa Juan M. Lope Blanch na edição da Editorial Gredos, 1986, p. 7, nota. E receberam a não menos segura iniciação em lingüística românica, documentada em estudos de valor, alguns quase desconhecidos, porque ficaram na primitiva forma mimeografada: *Evolución de la lengua española* (1952); *La Hispania Romana y el latín hispánico* (1953); *El llamado “latín vulgar” y las primeras diferenciaciones romances. Breve introducción a la lingüística románica* (1954).

O segundo e o terceiro trabalhos já estão citados por Serafim da Silva Neto na *História do Latim Vulgar*, edição da Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1957. No exemplar de *La Hispania Romana y el latín hispánico* oferecido a esse eminente mestre de todos nós há uma recomendação especial do autor: “*Le ruego sea indulgente con estas modestas páginas. Se trata de apuntes que le mando sólo por el compromiso de enviarle todo lo que se publica con mi nombre.*”

Essas palavras confirmam o comentário de José Polo, que preparou com supervisão do autor os originais da 2ª edição da *Introducción a la Lingüística*, Editorial Gredos, 1986, (IL) sobre a resistência de Eugênio Coseriu à publicação daqueles textos que julgava de iniciação, sem o nível universitário exigível (p.8-9). Diga-se, mais, que Coseriu considerava seu dileto amigo Serafim da Silva Neto “o maior representante da lingüística histórica no país e, até o presente, em mais de um sentido, a maior figura da lingüística brasileira” (TNCL, p. 301). Sua recomendação, portanto, exprime o alto grau de exigência do grande lingüista, que, em rigorosa autocrítica, julgava a obra “um sucinto resumo de problemas e fatos, destinado a estudantes” (TNCL, p. 353, nota 142). Juízo que também faz de *El llamado “latín vulgar” y las primeras diferenciaciones romances*: “uma iniciação para estudantes fundamentada em fatos bem conhecidos e cuja originalidade reside sobretudo no levantamento de alguns problemas (entre eles, o próprio problema do latim vulgar” (TNCL, p. 356, nota 157).

Latim vulgar é tema freqüente nas considerações de Coseriu, em lingüística geral ou em lingüística românica. Ora é a conceituação mais rigorosa dessa variedade do latim; ora é sua expansão com o cristianismo, de inegável “influjo popularizador” sobre o latim falado. Lembre-se o estudo *Sobre el*

futuro romance, publicado na veneranda Revista Brasileira de Filologia, vol. 3 – tomo 1, junho, 1957, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro. O problema do futuro perifrástico latino – vulgar e romance, que veio a suplantar o sintético do latim clássico, é estudado mais amplamente em *Sincronia, Diacronia e História*, no item sobre mudança lingüística como problema histórico (na tradução brasileira, p. 136 a 150). Nos dois textos Coseriu enfatiza a influência cristã, posição contestada, entre outros, por J. Mattoso Câmara Jr.

Ou então é o latim vulgar confrontado com o tipo lingüístico românico para fins de análise tipológica. Cf. *Le latin vulgaire et le type linguistique roman – Latin vulgaire – latin tardif* (separata de *Actes du I^{er}. Colloque international sur le latin vulgaire et tardif* – Pécs, 2-5, septembre 1985, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1987. Outras vezes é o problema da influência grega sobre o latim vulgar, título aliás, de um dos estudos de ELR (p. 264-280) – problema de “ extraordinário interesse histórico” de que Eugênio Coseriu tratou mais de uma vez, não só por sua importância no latim vulgar, no latim cristão e no latim tardio, mas também por suas repercussões nas línguas românicas. Em ELR há cinco estudos sobre o assunto.

Em *Competência Lingüística – Elementos de la Teoría del Hablar*, Editorial Gredos, Madrid, 1992, (CL), livro marcante, muitas vezes citado ultimamente – e creio que a bússola da nova orientação em lingüística funcional, ao menos entre nós - há reflexões importantes sobre o latim. Uma delas diz respeito a simplificações que o falante introduz em sua própria língua ao comunicar-se com estrangeiros no sentido de torná-la mais compreensível. Seria o caso das mudanças profundas por que passou o latim entre o final da Antigüidade e o início da Idade Média: “los mismos romanos querían hablar com los extranjeros de una forma “más sencilla” y “más comprensible”. Renunciaron, por tanto, a lo que em su opinión era demasiado complicado em su propia lengua y se adaptaron voluntariamente al hablar de los extranjeros” (p. 202). É um problema também observável numa língua franca e nos chamados dialetos crioulos (em Coseriu “lenguas criollas”), a respeito dos quais Jorge Morais – Barbosa já fizera a mesma aguda observação: “Aqui devemos observar um facto interessante: consiste ele em que o povo de qualquer país, achando-se em contacto com estrangeiros que não falam a sua língua, reduz esta também, por assim dizer instintivamente, ao mesmo tipo privado de formas gramaticais que caracterizam os dialetos crioulos” (*Crioulos, reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Introdução e notas de Jorge Morais-Barbosa*, Lisboa, 1967, p.102-103). No caso do latim vulgar não tenho conhecimento de estudos sobre essa “opinião em modo alguno absurda”, que deve ser detidamente examinada por lingüistas e romanistas, não importando se as conclusões não superem o nível de “opinião” ou “fato interessante”.

Nestas breves considerações sobre o romanista, incluo a resenha publicada em ELR sobre a *Toponímia prerrománica hispana*, de Menéndez Pidal; e recomendo vivamente a leitura de dois textos de TNCL: *Amado Alonso (1896 – 1952)* e o precioso *Panorama da Lingüística Ibero-Americana*, em que o autor insere, como convém, a produção lingüística e filológica brasileira.

Quanto ao humanista, sabem os leitores de Coseriu que suas obras estão recheadas de citações em grego e latim, e que não se trata de meras transcrições de formas isoladas para considerações teóricas. *Forma e Substância nos Sons da Linguagem*, por exemplo, traz uma extensa epígrafe do *Hippias Maior*, de Platão, no original grego. Estou bem lembrado das considerações de Coseriu sobre “los idiomas de los lingüistas” e “los idiomas de los políglotos”: “El lingüista estudia, sin duda, los idiomas, pero no para aprenderlos; es decir que los estudia científicamente: como fenómenos, no como instrumentos” (IL, p. 12).

Ocorre, porém, que o romanista Eugênio Coseriu dominava todas as línguas românicas; e o humanista Eugênio Coseriu dominava o grego e o latim. Dispunha de um riquíssimo universo lingüístico de que podia valer-se naquela dupla função. Lia os clássicos greco-latinos no original. Daí que lhe são familiares os textos de Aristóteles, de Platão, dos clássicos latinos, dos gramáticos latinos, dos autores cristãos, dos autores medievais, dos humanistas...

Aqui vou limitar-me a quatro estudos coserianos. Em TNCL – obra significativamente dedicada, entre outros, a Pierre de la Ramée, o grande humanista Petrus Ramus, conhecido, ao menos, pela denominação das letras “ramistas” (j, v) – leia-se, por exemplo, o capítulo *A arbitrariedade do signo – sobre a história tardia de um conceito Aristotélico*, em que se esmiúçam passagens de Aristóteles, de seu notável tradutor latino-cristão, Boécio, de Platão, e se arrolam, citados no original latino, autores medievais, renascentistas e do século XVII entre os quais o português João Poinso (1589-1644), conhecido como o dominicano João de São Tomás. Leiam-se os dois capítulos sobre o humanista espanhol Juan Luis Vives (1492-1540), “um dos teóricos da linguagem mais interessantes e característicos e, ao mesmo tempo, mais originais do Renascimento, e não apenas na Espanha, mas em toda a Europa” (p. 67). São eles: *Sobre a teoria da linguagem de Juan Luis Vives* e *Vives e o problema da tradução*. Para analisar suas idéias, Coseriu cita e comenta Cícero, Quintiliano, S. Jerônimo, S. Agostinho, Lutero..., revelando pasmoso conhecimento desses autores.

Cinco anos depois (1976) retomou o assunto em *O certo e o errado na teoria da tradução* (HSL, cap. X). Coseriu desenvolve esse difícil tema, justamente como um teórico da linguagem incomodado com a “leitura de não poucos livros e artigos sobre teoria da tradução e de algumas reflexões para a superação desses aspectos perturbadores.” (p.155). Volta a considerações fei-

tas no artigo anterior e, excelente humanista, reexamina o célebre texto de S. Jerônimo, a epístola *Ad Pammachium – De optimo genere interpretandi (A Pamáquio – sobre a melhor maneira de traduzir)*. O leitor encontrará o texto integral de S. Jerônimo – “vir trilinguis”, de impressionante intuição lingüística e sábio tradutor –, em latim e francês, em *Saint Jérôme, Lettres, Tome III, Société d’Éditions, “Les Belles Lettres”, Paris, 1953 (epístola LVII)*. E retoma igualmente o tratado sobre retórica de Juan Luis Vives, *De ratione dicendi*, em que esse humanista “distingue expressamente três tipos de tradução *segundo os textos que se traduzem*” (grifei) : a) as que atendem mais ao sentido (*sensus*); b) as que valorizam a “expressão como tal”, ou seja a elocução e a dicção (*phrasis et dictio*); c) as que levam em conta as duas condições (*et res et verba: tanto as coisas quanto as palavras*) (Cf. HSL, p. 170).

Os que não perderam o seu latim sabem que *res et verba* dos retóricos latinos equivale à distinção tradicional “fundo e forma”, que o saudoso poeta e professor Tasso da Silveira resumia na fórmula “forma é o fundo que aparece”. *Res* (coisas, idéias) é a *materia orationis* (o conteúdo do discurso); *verba* (palavras) é o *genus dicendi* (o modo de dizer, a forma do discurso). Tudo isso pode ser lido, como fez Coseriu, com grande proveito, por exemplo, em Cícero (*Orator, De optimo genere oratorum...*).

Não é tudo, mas tenho de concluir estas considerações, que se vão alongando de cada vez que volto aos instigadores textos coserianos, especialmente aqueles que tratam da profunda influência do Cristianismo, da influência grega no latim clássico ou vulgar, e em particular dos empréstimos gregos na latinidade cristã. Possíveis discordâncias não importam. O mesmo Coseriu nos ensina que “na ciência, a única aceitação verdadeira e profícua é a aceitação crítica” (TNCL, p. 276).

Do lingüista falam, com autoridade, seus discípulos brasileiros presentes neste número de *Confluência*. De minha parte, quero lembrar que no lingüista Eugênio Coseriu convivem, não menos admiráveis, o romanista e o humanista. Suponho até que aí está uma das razões da “orientação teórica e metodológica móvel e viva, em que o velho e o novo se combinam harmonicamente, sem choques violentos, [...] em que toda ideologia nova se absorve e frutifica sem se desvirtuar e sem desvirtuar a base em que se insere” (TNCL, p. 266).

Essas palavras de Eugênio Coseriu foram proferidas em 1952, em Montevideú, na homenagem póstuma a Amado Alonso, e se referem à escola de Menéndez Pidal, mestre do homenageado. Mas podem ser hoje integralmente aplicadas á escola de Eugênio Coseriu.

Rio, no Advento do Natal de 2003